



## APRESENTAÇÃO

Letícia Rocha\*

Eu, como mulher negra, escrevo  
com palavras que descrevem minha  
realidade, não com palavras que  
descrevem a realidade de um erudito branco,  
pois escrevemos de lugares  
diferentes. *Grada Kilomba.*

Destaco as palavras de Grada Kilomba para iniciar a apresentação deste dossiê comemorativo da Revista e do Núcleo de Estudos Mandrágora, porque tais palavras me descrevem e me acercam enquanto mulher negra. Escrevo desde um outro lugar, não acadêmico, mas sim, da experiência/vivência e do ativismo. Desse modo, comunico às/aos leitoras/es que estas linhas serão escritas em primeira pessoa. Justifico essa decisão porque sendo mulher feminista e negra, resgato a tradição feminista negra ao afirmar que escrever é um ato epistemológico e político. É afirmação de um lugar, o da diferença colonial (Walter Dignolo), que durante longos anos tem sido relegado à marginalidade, ou melhor, ao epistemicídio (Sueli Carneiro).

Entretanto, é no espaço da diferença colonial, ou também da resistência à colonialidade, que ocorre a insurgência de novas/os sujeitas/os e saberes com potencialidades transformadoras. É desse lugar que escrevo esta apresentação dos 27 anos do Núcleo de Estudos e da Re-

---

\* Graduada em Ciências da Religião-Universidade Estadual de Montes Claros-UNIMONTES, pós-graduada em Neuropsicologia Educacional- Faculdade Santo Agostinho, pós-graduanda em Pensamento Andino e Feminismo Descolonial-IDECA/GLEFAS, mestra em Ciências da Religião-Universidade Metodista de São Paulo. Feminista alinhada ao Feminismo Negro. E-mail: lopes-leticia395@gmail.com

vista Mandrágora. Destaco a importância deste veículo acadêmico para as pesquisas em Ciências da Religião no Brasil, que desde os inícios tem sido um espaço profícuo de discussão e no desenvolvimento de investigações que realizam a relação entre religião, gênero e feminismos. A Mandrágora é uma das poucas revistas no Brasil que possui como foco as questões que envolvem religião, gênero e feminismos. Diga-se de passagem, temáticas que a meu ver seguem sendo negligenciadas por muitas revistas acadêmicas.

Dos 27 anos da Mandrágora, me considero parte de sua história a pelo menos dez anos. Primeiro como leitora assídua ainda no período de graduação, o que delineou e aprofundou o feminismo em mim como caminho e posicionamento diante da vida. Segundo fui integrante do grupo de estudos Mandrágora, na época do mestrado. Nesse período, para além de leitora, me aventurei a escrever. Sempre me inquietaram questões relacionadas à participação e o agenciamento de mulheres em espaços religiosos, sou uma buscadora de epistemologias e saberes que sejam capazes de fazer a leitura da experiência das mulheres. A minha permanência na Mandrágora contribuiu para tais buscas, o que culminou para o meu envolvimento com o feminismo negro e decolonial. Vertente feminista e epistemológica na qual me encontro, e é desde aí que enuncio.

A participação na Mandrágora marcou e suleou meu ativismo e pensamento. Sem dúvida alguma, afirmo não somente de forma individual, mas aqui ousa a falar em nome de inúmeras mulheres e homens, meus colegas, que buscam fazer a relação entre gênero e religião em suas pesquisas e ativismo. Especialmente, nos tempos atuais marcados por conservadorismos e fundamentalismos extremados no campo religioso brasileiro, mas também, encontramos formas desses na cultura e sociedade. Com consequências drásticas ao que concerne aos direitos humanos, e principalmente aos direitos sexuais e reprodutivos de mulheres negras/indígenas, trans, comunidade LGBTQIA+.

As demandas deste tempo exigem perspectivas teóricas e saberes que sejam capazes de abarcar a complexa realidade atual, e apresentar meios que possibilitem a sua resolução. Nesse sentido, a emergência do pensamento de autoras/es negros, os estudos que têm como foco a negritude e a branquitude, as epistemologias feministas negra e decolonial,



a abordagem interseccional, tendo a religião como um aspecto interseccional, provocam, desafiam e desestabilizam aos estudos de gênero, aos feminismos, aos estudos da religião e à teologia, enfim, às academias brasileiras de forma geral, construídas sob a égide moderna colonial.

Dessa forma, a Revista Mandrágora tem impulsionado nesses 27 anos, muitas pesquisas que colocam na mesa de debate as questões de gênero e feminismo, e a sua relação com o complexo fenômeno religioso brasileiro a partir de abordagens críticas e desafiadoras. Os textos que compõem este dossiê rememoram a história da Mandrágora e apontam novos horizontes, especialmente no quesito racial, ainda pouco evocado nas pesquisas em Ciências da Religião. Os textos que seguem são assinados por feministas, acadêmicas e ativistas mandragorianas/os que como eu contribuíram para o desenvolvimento dos estudos das relações entre gênero e feminismo na área de Ciências da Religião no Brasil.

As autoras/es deste dossiê partem não somente da sua expertise profissional e acadêmica, para estabelecer o diálogo com a/o leitora/leitor, mas do ativismo de cada uma nas questões de gênero, feminismo, LGBTQIA+, raciais e no entrecruzamento com o fenômeno religioso. São essas questões que veremos nas páginas que se seguem.

Para abrir este dossiê, contamos com um memorial da Profa. Sandra Duarte de Souza denominado *Mandrágora: a história de um ousado periódico feminista na área de Ciências da Religião e Teologia*. O texto realiza um percurso histórico da revista e do grupo NETMAL-Núcleo de Estudos Teológicos da Mulher na América Latina, sendo a primeira revista no país a tratar especificamente da temática gênero e religião. A emergência da Mandrágora ocorre em 1994, por iniciativa das mulheres/estudantes do Programa de Ciências da Religião da Universidade Metodista. Com o passar dos anos se constitui como revista de referência na área de Ciências da Religião e Teologia no país.

Seguindo uma linha de discussão próxima, Fernanda Lemos, no ensaio *Intercambi-Ações Mandragorianas: a produção de conhecimento sobre gênero nos estudos de religião* analisa a produção de conhecimento no tocante a gênero no âmbito do Grupo de Estudos de Gênero e Religião Mandrágora/NETMAL. Por meio de uma análise quantitativa conclui que a formação e a consolidação da Mandrágora/NETMAL impulsionaram a

produção de conhecimento sobre gênero no Programa de Ciências da Religião da Universidade Metodista.

Mary Hunt discute em *Feminist Theologies: Looking Back to Look Ahead* a Teologia feminista no contexto dos Estados Unidos, e como a categoria gênero tem sido fator de transformação nas religiões. Também analisa como os estudos da religião e o ativismo social caminham lado a lado, o que contribui para o entendimento da espiritualidade feminista contemporânea. Tal espiritualidade é fruto do trabalho feminista desenvolvido nas religiões, o que impacta a sociedade.

Logo após, Maricel Mena Lopez coloca em debate no texto *Mulheres, divindades, prostituição sagrada e religião – 1Rs 11, 1-13: Leituras a partir da hermenêutica negra e feminista* uma leitura libertadora das práticas femininas do séc. X a.C., bem como desmascara os mecanismos sutis dos textos patriarcais que suplantam o poder feminino pelos homens circuncisos.

Tania Mara Sampaio em *Gênero e Raça: desafios analíticos para superação dos dogmatismos*, a partir dos seus aprendizados no Grupo de Estudos Mandrágora, destaca o que considera fundante na sua relação com o Outro. A compreensão de que as relações sociais são relações de poder a conduz para a ética da alteridade como meio e saída aos desencantos com a religião, o que a aproxima com uma espiritualidade da gratuidade. Assim, diante de uma abordagem interseccional o texto percorre um caminho de desconstrução das verdades dogmáticas no campo religioso.

Em seguida, Priscila Kikuchi Campanaro desenvolve no texto *Branquitude e religião: uma análise autoetnográfica sobre ser uma mulher branca no candomblé*, uma análise autoetnográfica sobre a percepção da identidade branca, e todas as suas implicações interseccionais no campo religioso, a partir da sua experiência pessoal: uma mulher branca iniciada no candomblé. Utilizando-se da metodologia da autoetnografia, a autora objetiva contribuir com os estudos sobre branquitude, religião e interseccionalidade, evidenciando as tensões da intersecção gênero, raça e religião na vivência religiosa.

Naile Braffo demonstra, de forma acurada, em *Relações de gênero e religião: análise das práticas religiosas da Santeria em Cuba* como a

religião enquanto sistema social estabelece conexões dentro das suas estruturas. A autora apresenta tais conexões dentro da tradição religiosa Regla de Ocha ou Santería em Cuba. E conclui que a perspectiva de gênero mostra como as concepções religiosas são condicionadas a partir de construções sociais. Ou seja, a Regla de Ocha ou Santeria, e todo o seu sistema simbólico funcionam em correspondência com as relações genéricas em vigor e os padrões de convivência são transformados com o tempo.

Em *Religião, maternidade e violência: o caso de Mulheres diante de seus filhos, vítimas de mortes violentas*, Carolina Lemos e Pedro Cáceres problematizam as relações entre religião, maternidade e violência em contextos de mortes violentas, quando as **mães enfrentam a perda do/a filho/a. A investigação ocorreu em 2018**, em Goiânia e Goiás, no Instituto Médico Legal de Aparecida de Goiânia. Os estudos sinalizam que as mulheres ao enfrentar a morte do/da filho/a recorrem aos significados religiosos conferidos tradicionalmente à maternidade.

Emerson Costa analisa criticamente em *Direitos reprodutivos em debate: a retórica de parlamentares evangélicos/as na 54ª legislatura para a criminalização do aborto* o recrudescimento de intervenções baseadas na moral religiosa contra a promulgação de leis, tais como a regulamentação do aborto, da criminalização da homofobia e do casamento igualitário. Essas questões ameaçam a laicidade no Brasil e colocam em questionamento o processo de secularização e da fidelidade aos preceitos religiosos. O autor busca por meio dessas análises identificar a influência do discurso religioso sobre os direitos na contemporaneidade.

Luiza Tomita apresenta em *AMZOL: Mulheres da periferia de São Paulo em busca de protagonismo* os principais desafios que se impõem ao protagonismo de mulheres dentro da Igreja Católica. Tal protagonismo torna-se mais distante para as mulheres das periferias. As mulheres da AMZOL da zona leste de São Paulo transformaram-se em protagonistas nas lutas sociais e políticas da região a partir da década de 1980, conquistando importantes políticas públicas. Dentre as conquistas desse protagonismo das mulheres destacam-se: o curso de promotoras legais populares; a criação, em 1996, do Centro Maria Miguel contra a violên-

cia doméstica; e a parceria estabelecida com a Procuradoria Geral do Estado de São Paulo.

*O pão nosso de cada dia: socialização de gênero e religiosa na mobilização de competências no trabalho*, assinado por Naira Pinheiro dos Santos, evoca a importância da Revista Mandrágora nesses anos para desvelar as entranhas da religião desde uma perspectiva feminista. Ela propõe analisar imbricamentos entre cultura organizacional, gênero e religião. Tais relações são evidenciadas quer pelas representações de gênero e religiosas que atravessam esse contexto, quer pela instrumentalização que, tanto as empresas quanto os/as trabalhadores/as, fazem das competências adquiridas no âmbito da socialização religiosa e de gênero no exercício da atividade profissional.

O último artigo deste dossiê, *Diversidade de gênero e intolerância religiosa: Ética relacional para um organismo ciborgue*, de Lília Marianno, trata das conexões entre saberes científicos e estudos de religião direcionando-os ao conflito intolerância religiosa versus diversidade de gênero, com o intuito de oferecer caminhos alternativos para a mediação dos conflitos e para o desenvolvimento de uma consciência inclusiva e cuidadora em comunidades de fé. O artigo ainda reúne a experiência da autora em mais de duas décadas dedicada à práxis pastoral junto às comunidades LGBTQIA+, e alia tais percepções à antropologia do ciborgue de Donna Haraway, ao pensamento processual de Alfred North Whitehead e aos estudos transdisciplinares de Sociologia da Ciência e Epistemologia.

Ao final, contamos com a resenha do livro, *Desvendar o Estado: abordagem necessária na definição de estratégias queer/feministas*, por Naira Pinheiro dos Santos. A obra resenhada é constituída de uma entrevista e cinco artigos, dentre os quais um relatório de pesquisa, uma proposta teórica, um estudo de caso e a tradução de dois textos históricos. As organizadoras Cornelia Möser e Marion Tillous buscaram, através de pesquisa bibliográfica e da organização de um seminário na Universidade de Paris 8, estabelecer o estado da arte e analisar as diferentes abordagens e críticas *queer/feministas* do Estado.

Que a leitura dos textos deste dossiê comemorativo do Núcleo de Estudos e da Revista Mandrágora contribua para fortalecer os debates entre gênero, feminismo, questões étnico-raciais na sua inter-relação



---

com os estudos da religião no Brasil. Desejo que a Mandrágora siga provocando e suscitando novas pesquisas e debates, na área de estudos das Ciências da Religião e da Teologia. Ouçamos a experiência das/dos mandragorianas/os nas páginas que seguem! E tenham todes ótimas reflexões!